

## Ensaio

### As paredes também falam

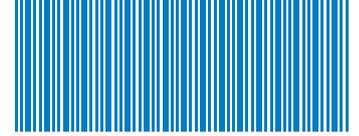
Yves de La Taille<sup>1</sup>

Diz a expressão popular que as “paredes têm ouvidos”, para alertar para o perigo de sermos escutados à nossa revelia. A expressão é antiga e li em algum lugar que ela teria origem numa invenção da rainha da França, Catarina de Médici, para espionar o que se dizia no castelo onde morava: ela teria mandado instalar, dentro das paredes do Louvre, tubos acústicos que lhe permitiam ouvir as conversas que aconteciam em vários cômodos. Se essa história for verdadeira, pode-se dizer que a esposa de Henrique II foi a precursora da espionagem moderna e que se tivesse existido, na época, algum Edward Snowden, ele teria algo a denunciar para depois se refugiar na casa de Ivan IV, o Terrível, então czar de todas as Rússias. Nos dias de hoje, não somente as paredes permanecem tendo ouvidos, pois a bisbilhotice é valor universal e perene, como todo e qualquer objeto, até mesmo uma casquinha de sorvete, pode esconder um microfone, sem contar, evidentemente, os celulares e os computadores que, segundo foi revelado, correspondem a portas escancaradas de nossa privacidade e de nossa intimidade, verdadeiras tornozelas eletrônicas. Sim, a expressão “as paredes têm ouvidos”, nunca foi tão atual.

Mas as paredes também falam! Não somente elas, aliás: as coisas que elas protegem também.

Quando entramos pela primeira vez na casa de alguém, impossível, em meio aos cumprimentos habituais e às conversas que se seguem, não observar o lugar que passamos a ocupar: reparamos o tamanho da moradia, seus móveis, os objetos que estão neles pousados, as paredes e o que nelas está pendurado, e observamos também a disposição dos ambientes: em que lugar ficam a televisão, o sofá, a mesa de jantar, as estantes etc. E, ao observarmos tudo isso, inferiremos sem muita chance de errar quais são as preferências existenciais daquela família, como nos fez inferir Jacques Tati em *Mon Oncle*.

1. Professor Titular aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)



No começo desse filme, o cineasta francês, praticamente sem fazer falar as suas personagens, nos mostra dois universos existenciais diametralmente opostos pela simples apresentação da moradia da família Arpel e daquela de Monsieur Hulot. A casa dos Arpel é ultramoderna, há poucos móveis, mas todos com design da moda, há muita tecnologia eletrodoméstica, há um pequeno jardim com caminhos de pedras feitos para guiar à risca os passos dos moradores e das visitas, veem-se móveis tão limpos que parece que ninguém mora naquele lugar sem livros e sem revistas, mas com, no jardim, um peixe de boca aberta no papel de chafariz. Em contraste, o lugar no qual mora o tio Hulot é antigo, pobre até, rústico, com diversos moradores que se cruzam na escada, com varais em todo canto, e, embora nada seja mostrado do interior do apartamento onde ele mora, infere-se facilmente que é tão simples quanto o jeito e a vida de seu morador. Tati conta que foi criticado na época em que saiu seu filme (década de 1950) porque alguns o interpretaram como uma crítica à arquitetura moderna. Espantado com essa obtusa interpretação de sua obra, ele teve de se explicar: tratava-se não de uma crítica à disposição de paredes e telhados, mas sim à maneira de decorá-los e ocupá-los.

O que as paredes e o que elas protegem dizem pode, é claro, transmitir mensagens sobre aspectos idiossincráticos das pessoas que entre elas vivem: por exemplo, um capacete de escafandro sobre a mesinha do salão, uma odalisca de porcelana dentro da cristaleira, um exemplar de *O Capital* perto do sofá, uma Winchester 44 pendurada na parede, uma arara empalhada no *living room*, um violão encostado em algum canto ou um gasômetro de espeleólogo em cima do piano. Porém, mais frequentemente elas referendam pautas dominantes na cultura. Por exemplo, nas casas de antigamente, os quadros pendurados ou colocados nos móveis eram retratos de antepassados. Nos dias de hoje, o que se vê são fotos das próprias pessoas que moram na casa, o que nos dá o privilégio de olhar para elas duas vezes: ao vivo e em fotografia. Outro exemplo: o lugar da televisão. Antigamente, pouca gente tinha um televisor – tanto que existia a expressão “televizinho” para se referir ao feliz proprietário da nova tecnologia, que abria orgulhosamente as portas de sua casa para que os vizinhos pudessem admirá-la e também dela usufruir por alguns momentos –, mas quando ele começou a se generalizar foi-lhe imediatamente reservado um lugar de honra nas salas de estar, não raramente antes ocupado por uma Bíblia sempre aberta. Um último exemplo. Em muitas casas o que se destaca é a presença do que podemos chamar de “butim de turista”: um berimbau, uma



Torre Eiffel convertida em termômetro, uma imagem do Big Ben, um cocar da Amazônia, um relógio incrustado no Cristo Redentor, uma cuia para chimarrão, imãs de geladeira, uma estatueta de Padre Cícero, um par de castanholas, um baralho chinês e, quem sabe até, uma foto dos membros da família perfilados atravessando a Abbey Road.

Sim, as paredes das casas falam, falam de seus habitantes.

E as paredes das instituições de ensino também falam, seja qual for a faixa etária que atendem.

Em algumas, elas são totalmente nuas e imaculadas, bem ao estilo família Arpel. Em outras, caso mais raro hoje em dia, vemos nas paredes retratos de antigos diretores e coordenadores. Aceno ao passado ou à autoridade? Em outras mais, as paredes somente recebem avisos administrativos, cartazes com o nome do lugar e outras formas de autopropaganda. Mas, em outras instituições, as paredes têm uma finalidade diferente: nelas são colocados mapas, fotos de animais e plantas, gráficos econômicos, imagens de monumentos, desenhos de alunos e outras coisas mais que nos reconfortam imediatamente, pois percebemos que estamos, sim, numa instituição educacional.

Agora, observemos os objetos que as paredes colocam em destaque. Em algumas instituições de ensino, a primeira coisa que se vê quando se adentra o estabelecimento são troféus e mais troféus, grandes ou pequenos, prateados ou dourados, simples ou rebuscados, que poderiam fazer crer ao ingressante desavisado que ele se encontra em algum clube vencedor. Não se trata de um clube, é óbvio, porém a mensagem é certamente a de que a feliz comunidade que ocupa o lugar é dignamente representada por orgulhosos vencedores. Em outras instituições, após atravessar um imenso estacionamento, logo se repara uma suntuosa lanchonete, uma não menos suntuosa loja de material escolar e roupas (e o visitante não ficaria demasiadamente surpreso se, como nos shoppings, também encontrasse outros tipos de loja), mais adiante uma ampla e moderna secretaria ladeada por um elevador panorâmico. O visitante não terá dúvidas: está numa poderosa e rica empresa. Em que ramo trabalha a empresa? Disso as paredes não falam, mas deixam clara a sua prosperidade. Em muitas instituições de ensino nos dias de hoje, o que chama imediatamente a atenção do visitante é o aparato de segurança que começa pelo olhar desconfiado de um guarda carrancudo, que passa por catracas de delicada transposição e que acaba numa



miríade de sentinelas ostensivamente incrustadas nos tijolos. Em compensação, em outras instituições dedicadas à educação, o visitante quase nem reparará uma modesta cantina, não terá seu olhar atraído pela vitrine de uma loja pela simples razão de que ela não existe, tampouco verá catracas e sentinelas eletrônicas, e mal perceberá onde fica a secretaria porque seu olhar será guiado pela exposição de trabalhos realizados por alunos, por avisos de atividades culturais e políticas, por objetos interessantes que poderiam estar num museu (uma Hermes baby, quem sabe), ou simplesmente pela simpática cacofonia de objetos que revelam a história do lugar.

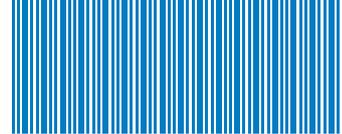
Sim as paredes dos estabelecimentos de ensino falam, como todas as paredes, aliás: as dos presídios, das delegacias, dos hospitais, dos estádios, dos hotéis, dos asilos, dos bordéis, etc.

Elas falam dos valores.

E daí? E daí que elas são partes integrantes da formação moral e ética dos filhos e dos alunos.

É lugar comum afirmar que os adultos são modelos que influenciam as perspectivas éticas e morais das novas gerações. Mas por modelos em geral entende-se as ações, as atitudes e as falas dos adultos, sejam eles pais ou professores. Não vou negar tal influência que sem dúvida existe, mas quero a ela acrescentar esta outra, imóvel e silenciosa, que são as paredes e o que dentro delas se encontra, e que pode ser até contraditória com o que os adultos que entre elas moram dizem e fazem. Por exemplo, os pais são de esquerda, pregam a justiça social e a solidariedade? Sim, mas as paredes entre as quais moram falam de uma família bem burguesa, rica, consumista e confortavelmente integrada ao mundo capitalista vilipendiado nos discursos paternos e maternos. Outro exemplo: uma escola, em seus *folders*, fala em construção da cidadania? Sim, mas as paredes de seu estabelecimento falam de dinheiro, de vaidade, de vencedores, exalam egoísmo.

Lembro de uma reunião que fiz numa escola de São Paulo com um grupo de professores que trabalhavam a questão da cidadania com seus alunos. Eles me perguntaram: as paredes de nossa escola falam de cidadania? Eu, que antes da reunião havia feito um pequeno *tour* pelo estabelecimento, lhes respondi de pronto: as paredes de sua escola não falam de cidadania, pois nenhum objeto, nenhum cartaz, nenhum recanto poderia fazer supor que a cidadania seja um valor da comunidade; em compensação, as



paredes falam em alto e bom som de tecnologia, pois em cada canto há artefatos eletrônicos. Os professores concordaram e ficaram tristes porque compreenderam que o seu trabalho de formação ética aparecia quase como clandestino entre aquelas paredes.

Cuidado: as paredes têm ouvidos, mas elas também têm voz.

